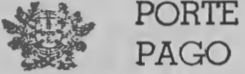




Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 20 de Maio de 1978 * Ano XXXV — N.º 892 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PATRIMÓNIO dos POBRES

PARTILHANDO

O problema vem de longe e já o temos abordado. Mas agora é quase universal o coro, sobretudo de paróquias de características urbanas ou suburbanas, onde a evolução das condições de vida tornou inadequada a resposta do Património dos Pobres, tão oportuna ainda há vinte e sete anos quando Pai Américo o lançou.

Quisesse isto dizer que o Problema da Habitação tinha deixado de ser um dos que mais aflige a sociedade portuguesa — que o coro seria de triunfo! Mas não, infelizmente não. Contudo não é este o tema que urge agora esclarecer. O assunto de hoje é mesmo o Património dos Pobres.

Como se sabe, por estatuto, as casas do Património são cedidas a Famílias indigentes a título precário e gratuito; e esta ocupação poderá cessar em várias circunstâncias, a primeira das quais é o caso dos ocupantes virem a ter recursos que tornem dispensável o benefício. Ora isto sucede por toda a parte. Famílias que, naquele tempo, cheias de filhos pequenos, sustentadas, em regra, por um só salário, ocuparam merecidamente estas casas, vivem hoje com proventos que chegam a somar dezenas de contos e dentro das casas nada falta do que a sociedade de consumo não dispensa. Não é justo que continuem beneficiando de moradia gratuita, que os coloca numa categoria de privilegiados em relação à quase totalidade do Povo português.

Convidados a sair, muitos não saem alegando que não arranjam casa — o que frequentemente é exacto. Por outro lado, em numerosas Paróquias onde o Património dos Pobres é, não se descobre facilmente quem esteja nas condições de indigência adequadas à ocupação gratuita de uma casa.

Que fazer? Deixar tudo como está? Não seria uma atitude digna nem é aceite, felizmente, pela consciência da maioria dos Responsáveis pelo Património dos Pobres. Há pois que pensar numa reconversão da Obra, de modo que ela volte a ser, hoje, uma resposta justa e prestável ao imenso Problema da Habitação, ainda que muito pequenina como aliás sempre foi — e nem outra coisa pretendeu ser, senão um chamamento à urgência e primaridade deste Problema, que foi ouvido, mas não tanto quanto era necessário para que ele não seja ainda tão grande e tão primário!

Dois caminhos, pois, se apresentam para esta reconversão: ou as casas passam a ter uma renda justa que reverterá em favor de outras modalidades mais oportunas e urgentes de assistência social na Paróquia; ou as casas seriam vendidas em sistema de «renda resolúvel» aos respectivos moradores. Pensados, já desde há muito tempo, por vários destes Responsáveis inquietos, quase todos optam pela segunda proposta da disjuntiva. Os habitantes das casas tornar-se-iam proprietários delas; e o produto das amortizações constituiria um fundo de promoção de outras actividades sociais, até, onde fosse possível, na mesma linha da Habitação Social, como fonte de auxílio a Auto-Construtores.

Que estas dificuldades não são específicas do Património dos Pobres, mas se puseram também a outras Entidades oficiais ou particulares, mostra-o o Decreto-Lei n.º 419 de 4/Octubre/1977 que «cria um regime especial de venda aos respectivos moradores de casas de renda económica, propriedade da Caixa Nacional de Pensões» e, «nos termos do seu art.º 17.º, estabelece que passam a aplicar-se, para efeitos de venda aos respectivos moradores, as mesmas disposições, às casas construídas por pessoas colectivas de utilidade pública administrativa e atribuídas nos termos dos Decretos-

-lei n.º 35106, de 6/Novembro/1945 e n.º 41470, de 23/Dezembro/1957».

Abre-se, pois, um caminho jurídico que facilitará esta alienação em procura de um melhor bem social e mais oportuno, que é útil levar ao conhecimento dos interessados para que o processo comece a efectivar-se.

Abordámos já, em propósito de esclarecimento, a Direcção-Geral da Assistência Social que admite não ter atingido com a sua circular n.º 400 de 26/Janeiro/1978, todas as Entidades interessadas no assunto, nomeadamente todas as Paróquias onde o Património dos Pobres está legalmente instituído. Por isso nos fazemos eco do pedido da Direcção-Geral, dirigido às pessoas colectivas de utilidade pública administra-

Cont. na 3.ª pág.

Com a vinda das flores, há muitas pessoas que vêm até cá, ou a pé ou de combolo, ou de carro ou de camioneta. De perto e de longe. Chegam com perguntas e observações e querem saber se tudo o que era, ainda continua a ser...

Há dias um senhor veio com a família passar aqui o dia. Sem ser indiscreto, fez um reparo simples acerca da limpeza das casas de banho exteriores e do à-vontade de alguns rapazes... Fez-me lembrar logo, sem qualquer semelhança de comportamento, aquele outro visitante, que numa tarde ventosa de domingo de Outono, ao regressar da festa, dizia mal das folhas caídas no chão... É sempre bom fazer reparos e criticar com lucidez e tudo é mais simples quando não somos convencidos demais.

Observar a nossa Casa e limitar a visão a meras superficialidades dói mais pela falta de conhecimento ou consciência de uma realidade social, do que pelas folhas caídas ou limpeza descuidada. Somos uma Casa de Rapazes cuja existência se situa numa parcela de culpa colectiva nada fácil de remir, pelo nosso orgulho. Tem sempre muita piada a presença de tantas pessoas amigas que acham até beleza e graça a certas telas de aranha envergoadas nos cantos das nossas casas. Ou não fosse cada homem um tecedor de telas bem mais feias e maliciosas, quando não vê no outro homem um semelhante, um igual, uma Pessoa Humana!

Pertencendo nós à Igreja, porque ligados aos «mais pequeninos» através da hierarquia criada por Jesus, somos visitados por cristãos e padres. Há dias, foi a vez de um padre (cuja missão, na sua diocese, é bem importante para a difusão do Evangelho e promoção dos Homens) que veio cá passar umas horas conosco. No regresso a casa, foi dizendo algumas impressões de ontem, de hoje... E da nossa Casa também, que já conhecia há anos. Dizia, então, que nunca ia daqui como vinha. Impressionado e mais inquieto: que o drama da injustiça social estava por detrás da nossa vida... Que era fundamental combater-se a raiz do mal! E outras coisas mais.

Aprecei, quase em silêncio, tais palavras que eu sabia não serem ocas ou loucas. Fortes, como brisa em tardes muito quentes! Árduas, como árduo é o seu trabalho de estar ao lado dos seus com quem trabalha!

As aldeias, as vilas, as cidades do nosso País que têm ainda padres no seu seio, que fermento de Evangelho guardarão para «levedar» o amanhã que se aproxima aberto declaradamente à crise das estruturas, das instituições e das pessoas? O vazio, aqui e além, foi e é já o sinal da ruptura entre o que se diz e o que se faz. Entre a pregação e a acção. Entre o Evangelho e a vida. Se qualquer dúvida houver, basta só pegar no Evangelho e ler que a vida esquecida e



Pertencemos à Igreja, ligados aos «mais pequeninos» através da hierarquia criada por Jesus.

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MÚSICAIS — As ofertas que temos recebido ultimamente foram:

De Coimbra, 500\$00; do Barreiro, 500\$00; de Lisboa, 500\$00; Aveiro também não se esqueceu de mandar 1.000\$00 por intermédio do Hotel Imperial; e, por último, do Porto, 20\$00 «para os instrumentos musicais».

Nós continuamos a insistir, porque a ideia de termos em casa um Conjunto ainda não nos saiu da mente.

Até os mais pequenitos andam entusiasmados! Senão vejamos:

Eu cheguei do Porto, no dia 7 deste mês, e recebi a notícia através da D. Mimi e da Mãe Irene de que o Félix se propôs fazer convites às senhoras para uma festa junto do nosso serralheiro. Disse-me que o «baterista» era o «Mestre», com latas servindo de bombos e um pau atado a um fio servindo de viola! O apresentador e organizador do espectáculo foi o Félix.

As senhoras gostaram, e eu tive imensa pena de não poder cá estar para melhor me informar do caso.

Parabéns aos artistas.

E pronto, continuamos esperando cheguem mais ofertas, porque as nossas Festas bi-anuais no próximo ano tocam a nós, e queremos ter ajudas para adquirirmos os instrumentos musicais.

CONVÍVIO «MONDEX» — No dia 30 de Abril, logo cedinho, chegaram os trabalhadores e engenheiros da «Mondex», dispostos a passar conosco um bom dia.

De manhã o nosso campo de futebol foi alvo de algumas modalidades desportivas e, de tarde, houve espectáculo de variedades ao ar livre (?). Mais tarde, e quase a meio do «show», começou a chover e tivemos que recolher ao nosso salão de festas para se poder continuar.

No fim houve sardinhada, na qual mais ou menos todos estivemos presentes.

Foi divertido comer, cantar, dançar de copo na mão, etc. Um dia bem passado e agradável!

De salientar que também estiveram presentes os componentes do grupo «C. A. C. O.», já nosso conhecido.

Obrigados a todos. Continuem a fazer convívios por outros lados onde não haja divertimentos.

Agradecemos as ofertas que nos deixaram, desejando-vos as melhores felicidades.

COLISEU — A nossa Festa anual, no Coliseu, foi no dia 4 do corrente. Esteve a cargo da Comunidade de Miranda do Corvo que soube cumprir a tarefa.

Nós, Comunidade de Paço de Sousa, estivemos presentes e soubemos portar-nos como devia ser. Só foi pena o tempo chuvoso! Mas, de qualquer maneira, tivemos a satisfação de ver uma Festa que, regra geral, agrada.

Para o ano seremos nós os «artis-

tas». E já não haverá reclamações, como agora, por não haver «matiné»...

AMIGOS — Veio-me parar às mãos um simples jornal das crianças do Centro de Educação Especial de Bragança.

É um jornal simples mas rico de conteúdo.

Pois amigos, continui a mandar o vosso jornal. Nós apreciamos-lo bastante; e, de qualquer forma, é uma maneira de incentivar os nossos pequenitos a escreverem coisas bonitas como só eles são capazes de fazer.

Quero chamar a especial atenção do pequenito Romano, da 3.ª classe, que escreveu o artigo «Problemas dos nossos dias» e agradecer-lhe, ou melhor, dar-lhe os parabéns porque escreve bastante bem e sem dificuldade.

Digo-vos, também, que sou daí. E, naturalmente, tenho todo o prazer em ler o vosso jornal.

SABINO-PIANISTA — Já o disse várias vezes e as provas estão bem à vista, que a Música anda cá em Casa bastante desenvolvida!

O Sabino, rapaz solitário e pouco conversador, nas horas livres dedica-se ao piano que nos foi oferecido por meio da campanha.

Lá vai dando ritmos perfeitamente audíveis. E, ao dizer audíveis, não posso dizer visíveis porque quando alguém se aproxima dele a paragem é rápida e não se ouve mais uma tecla!...

Parece-me que se o Sabino for ajudado e ensinado será futuro pianista, quiçá o pianista das nossas Festas.

P'ra frente Sabino!

DESPORTO — Não só em Música, mas também no Desporto temos tido bastante êxito e bons atletas.

Até agora disputaram-se as seguintes modalidades:

Atletismo — Penafiel, 25 de Abril: Estafeta 4x400 metros — 1.º e 2.º lugares; 1.500 metros — «Batalha», 2.º; 3.000 metros — Gonzaga, 4.º; 6.000 metros — Álvaro, 1.º.

Rio de Moinhos — 1.º de Maio: 100 m — «Eusébio», 2.º lugar; 5.000 m — Álvaro, 1.º e «Batalha», 2.º.

Todos estes concorrentes trouxeram, como prémios, relógios «Timex». De salientar, também, que ganhámos o 1.º lugar por equipas.

Futebol — 28 de Abril: perdemos 7-2 com a equipa da Fábrica «VOLVO», do Porto.

A equipa era bastante boa e soube dar provas disso, mas nós estávamos mesmo caídos de todo!

Então uns atletas desta natureza deixarem-se perder assim?! Tenho a impressão que nem sequer podiam com a bola, ou era a molenga depois de uma semana de trabalho...

Está já em estudo o 2.º Festival Desportivo da Casa do Gaiato, do qual é responsável o Álvaro.

Portanto, atletas internos, claro, este festival só nos abrange a nós, nada tem a ver com a rapaziada dos arredores. Que se preparem para tentarem alcançar um prémio ou, pelo menos, se não é pelo prémio, por espírito de colaboração.

Também há um festival da canção incluído neste 2.º Festival Desportivo.

Canções portuguesas, inéditas ou conhecidas, serão postas à prova pelas bonitas vozes de alguns dos nossos cantores.

Vamos trabalhar e colaborar para que este Festival seja uma arrancada futura.

«Marcelino»

Benguela

CASAMENTO — Realizaram-se no passado dia 25 de Março três casamentos, o que para nós, sem dúvida, foi motivo de grande alegria.

Casaram-se nesse mesmo dia o Paulo, que foi da nossa Casa de Benguela; o Sabú que era da nossa Casa do Gaiato de Malanje; e, por último, o Joaquim Teixeira, filho do sr. Fernando, responsável pelas nossas obras e oficinas.

Pois para nós, rapazes da Obra, foi uma grande alegria vermos irmãos nossos formarem o seu futuro, em que os alicerces partiram desta Obra que Pai Américo nos quis deixar.

Nessa mesma tarde a nossa equipa de futebol deslocou-se à cidade vizi-



Casamento do Paulo e Ana Paula

na do Lobito para participar num quadrangular de futebol em que alcançou o primeiro lugar. Isto foi mais uma satisfação para o nosso Paulo que também faz parte da direcção do Grupo e a quem foi dedicada a vitória da equipa.

Por agora nada mais tenho para vos dizer; pois para vós, queridos leitores e amigos, vão os meus melhores cumprimentos.

Carlos Alberto

VIDA — Não receio que os homens sejam demasiadamente científicos. Estou persuadido de que, se nos aprofundarmos no conhecimento da verdade, havemos de chegar à Verdade do nosso grande e Bom Pastor — Cristo.

Seu Evangelho não é uma teoria engendrada pelo cérebro privilegiado de um filósofo, afastado da realidade, sem contacto com os factos da vida do grande rebanho que é o Povo de Deus.

Se a palavra de ordem entre os Hebreus era Misericórdia, entre os Gregos Luz, no Cristianismo é Vida. A palavra de ordem do Cristianismo é

vida porque o nosso Evangelho é fundamentado em vida e produz Vida.

Alguém observava uma pintura muito caprichada e ponderou: «A perspectiva é boa, o colorido vivo e acertado, a concepção esplêndida, mas falta isto... falta-lhe vida». Uma coisa é conhecer a verdade, e outra, muito diferente, é vivê-la. Os pensadores modernos talvez tenham descoberto a verdade, mas falta-lhes o fogo da Verdade divina.

Diz o ditado popular que a centopeia considerava-se muito feliz até ao dia em que o sapo, por brincadeira, lhe perguntou: — «Qual das tuas pernas se move primeiro?» Esta pergunta lançou a centopeia em tal estado de confusão que ela ficou paralisada num beco sem saída, sem saber como mover-se.

Ora muitos dos modernos pensadores estão num beco sem saída e sabem muito bem disto. Podem dizer o processo pelo qual chegaram lá. Uma psicologia mecanista tenta explicar a vida em termos mecânicos. Parece razoável. Muitos dão ouvidos a esta teoria; perguntam; e, de repente, sentem-se paralisados e não podem sair do beco em que se meteram. O modernismo descobriu processos mas

de que são velhas. Mas um simples relance de olhos sobre a sorte de tantos Velhos mostra que, de facto, estes direitos são recusados. A reconciliação que procuramos começa pelo reconhecimento da nossa responsabilidade para com a Terceira Idade: devemos assegurar a sua dignidade e o seu valor de maneira que possam usufruir dos direitos que lhes vêm de Deus. Como disse o Papa João XXIII: «Todo o ser humano tem direito à vida, à integridade física e aos meios necessários e suficientes para uma existência digna, no que respeita designadamente à alimentação, ao vestir, à habitação, ao repouso, aos cuidados médicos, aos serviços sociais. Por conseguinte, o Homem tem direito ao seguro em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de desemprego e todas as vezes que seja privado dos seus meios de subsistência, em consequência de circunstâncias independentes da sua vontade» (Pacem in Terris, 11.)»

Depois é analisado o «direito à vida»: «É o direito mais fundamental, no sentido de que é a condição prévia para a realização de todas as outras. Ora, o direito à vida das pessoas idosas é objecto de ataques constantes, quer directos quer indirectos.

Em primeiro lugar, as pessoas idosas, bem como os doentes e os diminuídos, são os alvos de uma mentalidade de «eutanásia» que procura desembaraçar-se dos inúteis. Mesmo uma legislação bem intencionada, que procure resolver as difíceis questões do recurso ou não a meios terapêuticos extraordinários para preservar a vida, não escapa aos perigos reais: não quereriam alguns deixar as questões últimas unicamente nas mãos dos médicos e do Estado?

Outra ameaça mais subtil mas mesmo assim grave para a vida das pessoas idosas: um sistema social que, desinteressando-se da sua pobreza, solidão e desespero, lhes recusa os meios e, por vezes, mesmo a vontade de viver.

Os sociólogos dizem-nos que nos aproximamos duma época em que as pessoas idosas ficarão divididas entre «novos-velhos» (entre 55 e 75 anos) e «velhos-velhos» (mais de 75 anos).

Os «novos-velhos» formarão um grupo com uma saúde relativamente boa, capazes de empreender uma segunda carreira e de ter uma influência sob o plano social. Os «velhos-velhos» sentirão mais claramente que apenas têm que esperar pela morte. Como disse o presidente Kennedy: «Não é suficiente acrescentar novos anos à vida; o nosso objectivo é acrescentar uma vida nova a esses anos».

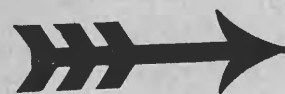
As pessoas idosas têm o direito a uma «nova vida»: não apenas à sobrevivência material, mas à educação, aos tempos livres, aos sentimentos autenticamente humanos, ao apoio e ao reconforto espiritual.

Enfim, ao reflectir sobre o direito à vida das pessoas idosas, não poderemos esquecer que nos Estados Unidos as mulheres têm uma vida mais longa que os homens. Para cada 100 homens com mais de 65 anos, há 143 mulheres. Falar dos problemas das

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

TERCEIRA IDADE — Ontem, face a um caso típico de Velhice — que nos dera muito trabalho — decidimos violentar o espaço de O GAIATO continuando a publicar excertos da Declaração dos Bispos norte-americanos sobre a Terceira Idade. O segundo ponto trata dos direitos do Homem, com o seguinte prólogo:

«As pessoas idosas não perdem os seus títulos em relação aos direitos humanos fundamentais sob o pretexto



Calvário

A vida é o primeiro e o maior dom ofertado ao Homem. No entanto, este normalmente faz pouco da vida, limitando-se não raramente a brincar com ela, a destruí-la, a estoirá-la prematuramente, não a usufruindo em plenitude. As excepções que a descobrem e a pretendem valorizar na sua total dimensão nem sempre possuem as condições materiais ou sociais indispensáveis para tal.

Mas poucos a descobrem na verdade. Há quem a limite ao plano vegetativo. Há quem a estenda ao plano animal. Há quem a alargue ao plano da inteligência. Mas mesmo estes últimos ficam habitualmente aquém dos possíveis frutos que deviam colher.

Uns vivem só para comer; outros para gozar; outros para trabalhar. E o tédio é sucedâneo normal em cada uma destas preferências, como consequência lógica do caminho apertado e unilateral que se percorre.

Evidentemente que só uma séria tomada de consciência poderá criar o clima em que seja possível apreciar e viver frutuosa e alegremente a vida toda sem quebras.

Na infância as forças que desabrocham vêm com tal ímpeto que o problema nem se põe. Na juventude ainda se prolonga duradouramente a descoberta da vida e a alegria e a coragem são tónicas que andam viçosas no interior de cada um. Na idade adulta, cedo ou tarde o cansaço de esforço dispendido com a caminhada instala-se e a visão do encurtamento dos anos gera lenta-

mente a angústia. A razão de viver — às vezes, só a criação dos filhos, que já se separaram do lar — extingue-se, deixando o vazio. Na idade derradeira — a chamada terceira — só olhar o passado dá consolo e alento aos dias. Na frente apenas o declive monótono para a sepultura.

Ora, não devia ser assim. Nem pode, em boa verdade, ser assim. A alegria de viver devia ser e tem de ser uma constante. Mesmo na terceira idade. Contudo só uma educação permanente poderá ajudar a permanecer neste gosto diário pela vida, pelo bom que é viver.

O contacto que ao longo de anos fenho mantido com pessoas da terceira idade, muitas das quais haviam perdido o prazer de viver, dadas as condições de miséria, de abandono ou perda da saúde, ensinam-me que afinal até é simples e fácil encontrar-se (malguns casos recuperar-se) a alegria nesta quadra da vida como, aliás, em todas as fases anteriores. Basta-lhe a presença de alguém que as ame; não é necessário, por vezes, mais que a certeza de não serem rejeitadas, mas de haver sempre a seu lado quem as queira; ou talvez, e sobretudo, verificarem que a sua presença, embora silenciosa ou quase sumida, é necessária ainda aos Outros; é útil e indispensável aos Outros.

A maior mágoa que os da terceira idade podem sofrer é sentirem interiormente que estão a mais, que são estorvo ao convívio dos mais. E na verdade, não deviam elaborar tal pensa-

mento, que produz amargura e apressa a morte.

Os mais novos quanto não têm a colher do seu viver, da sua experiência; os menos novos quanto não beneficiariam da sua presença serena, da sua sabedoria feita com e ao longo dos anos! Mas quem está para ouvir?

Os bispos americanos, em declaração recente, pronunciaram-se sobre o problema da terceira idade. O documento é lúcido e actual. O que nele mais sobressai é a afirmação

Setúbal

● O Victor tem 5 anos. Veio muito atrasado. Agora já melhorou muito. Não é do tipo do rapaz das nossas Casas. O lugar dele deveria ser outro. Por vezes uns tolhem outros. Mas vimos a necessidade e não podemos dizer não, com medo de cairmos na tentação de sermos como os feirantes que rejeitam os animais enfezados.

Ora, os mais pequenos, os «Batatas», têm sido grandes obreiros da recuperação do Victor! Já por várias vezes alguns me disseram que têm ensinado o Victor a varrer as ruas, missão que é da sua classe, mas ele ainda não compreendeu que deve trabalhar como os outros.

Um dia destes, estava eu a colocar os autoclismos nas retretes e levei comigo o Carlitos e o Paulinho — os dois mais baixinhos cá de Casa — para ver se chegavam ao manípulo de descarga. Depois, ouvi da boca deles uma ajuda para compensar o meu trabalho: «Nós temos que avisar o Victor como é que se faz para o côco ir p'ra fossa».

Isto saído da boca destes dois pequenitos, é bem a amostra do intuito que há de todos serem pedras desta Obra. Assim pensassem os homens grandes!... Os homens ainda não foram descobertos para se conquistarem mutuamente.

● Ouvi há dias, num noticiário, que se vai realizar uma campanha anti-alcoólica. Nós sabemos bem o mal profundo que o álcool produz num indivíduo, numa família e na sociedade. Nas nossas Casas temos sangue doente pelos exageros dos pais.

Aqui há tempos, numa reunião, ouvi da boca de um doente o seguinte: «Na minha empresa há não sei quantas cantinas para o pessoal inferior e superior. A qualquer hora se vai à cantina ou ao bar...». Ora, não interessa qual a empresa. Noutras acontece o mesmo. A acusação, sim, essa é

dos esquecidos direitos das pessoas desta idade: «Direito à vida. Direito ao rendimento decente. Direito a um emprego. Direito de comer. Direito de alojamento decente. Direito à igualdade de tratamento.»

Começam, pois, por apontar o direito à vida «como o direito fundamental, no sentido de que é condição prévia para a realização de todos os outros».

As condições sociais geralmente toleram como encargo «pesado» que os idosos vivam. E quanto mais materialista é o tipo de sociedade maior terá de ser, logicamente para ela, a tolerância com os idosos.

Evidentemente que não poderá dar gosto uma vida que se sabe ser apenas tolerada.

Os restantes direitos referidos no citado documento são apenas as condicionantes de possibilidade real de viver na

segurança e na aceitação dos Outros.

Ora, não vamos nós todos naturalmente a caminho desta quadra da vida? Bom será que nos preparemos, ajudando os que nela já se situam. E não vão a caminho dela também todos os senhores deputados da nossa soberana Assembleia? E então porque se esquecem eles de preparar a defesa dos direitos que gostarão de usufruir quando a atingirem? Que se apresse pois a hora deste labor parlamentar para que os «estagiários» actuais da terceira idade comecem quanto antes a beneficiar dele. A perspectiva dum quadro económico e social justo é já por si elemento gerador da vontade de viver. E a vontade de viver prolonga natural e alegremente a própria vida.

Padre Baptista

mos a cada lar o eco desta campanha.

A dita doença pode diminuir se os pais souberem educar os filhos a não ingerir bebidas alcoólicas em excesso. A Escola — que deve ser a continuação da Família — tem uma palavra a dizer. Os professores têm que ser interessados nesta campanha. Pois que os pais e professores saibam ser eco de todos os que trabalham para um bem social e para diminuir dores escondidas para muitos.

Precisamos de ser todos acordados e sacudidos, para que os jovens, principalmente, venham a conhecer a realidade antes que o mal os contamine.

Ernesto Pinto

Património dos Pobres

Continuação da PRIMEIRA página

tiva que sejam proprietárias de casas destinadas a Pobres ou Indigentes, dos seguintes elementos:

- Descrição das casas;
- A que título se encontram atribuídas e por que preço;
- Situação económica dos moradores, se possível;
- Se a titularidade das casas se encontra juridicamente regularizada;
- Se a Instituição pretende proceder à respectiva venda e, se possível, se o morador pretende comprá-la.

E a referida circular acrescenta: «É que, ao que se sabe, na grande maioria dos casos, as referidas habitações não estão a ser ocupadas por pessoas de situação económica precária; tê-lo-ão estado aquando da respectiva atribuição. Assim, as pessoas que neste momento beneficiam de preços irrisórios, terão que optar entre a compra da casa que habitam ou o aumento dos actuais preços, aumento que terá em conta, por um lado as suas reais possibilidades económicas e por outro lado os preços do mercado de habitação».

Eis pois uma preocupação oficial que vem ao encontro das de tantos Responsáveis pelos Patrimónios dos Pobres espalhados por todo o País e que favorecerá uma solução justa de uma realidade desajustada. Oxalá os interessados estejam atentos e sejam prontos nas iniciativas necessárias à convergência para esta sanção de situações, socialmente nada pedagógicas.

Padre Carlos

peças idosas é, pois, falar, em primeiro lugar, dos problemas das mulheres idosas, que, no Outono da sua vida, se arriscam a sentir, mais dolorosamente que nunca, o peso da discriminação das mulheres.»

Acrescentaremos, agora, mais um extracto sobre «O direito a um rendimento decente»:

«As pessoas idosas, que vivem muitas vezes de rendimentos fixos, figuram entre as que sofrem mais gravemente os males económicos que são a recessão e a inflação. O preço dos alimentos, dos cuidados médicos e do alojamento (incluindo o aquecimento) aumentou muito mais que os bens do consumo corrente em geral; além disso, estes encargos orçamentais representam cerca de 70% dos rendimentos das pessoas idosas, enquanto que para as outras representam apenas 60%.

Cerca de 22% das pessoas idosas têm rendimentos inferiores ao limiar da pobreza fixada em 1971 pelo Governo dos Estados Unidos, e metade deles têm rendimentos inferiores a 5.000 dólares. Os contributos da Segurança Social e das Mutuais, nestas condições, são insuficientes para lhes assegurar um nível de vida conveniente. A inflação não cessa de atr-

mentar o valor das suas economias. Muitas pessoas idosas não têm reformas e os sistemas de reforma existentes denotam graves dificuldades.» Lá e cá...!

PARTILHA — Temos a abrir 1.300\$00 da «Assinante do Seixal». Presença certíssima! Mais 100\$00 de «Uma assinante de Gaias». De Ponte do Gove o mesmo, solicitando «uma oração pela minha saúde que, de momento, está muito abalada». Por alma de Fernando, 159\$00. Donativo de Quitênia — S. Tiago de Litém. «Uma pequena lembrança» de um grande Amigo da rua Nossa Senhora de Fátima — Porto. Um vale do correio de Tavira. Estanislau, de Setúbal, com o remanescente de um encontro de contas. De um cheque de cinco contos, de Lisboa, coube aos nossos Pobres 1.000\$00. Rua do Bonjardim, Porto, 50\$00 pela mão do «Cascais». «Uma nulidade» com 500\$00. Testemunho de Humildade! «Parte do primeiro ordenado oficial de uma pessoa amiga»: 500\$00.

E, por hoje, nada mais. Um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

● Entendemos, por circunstâncias felizes, como uma graça o facto de sempre termos frequentado o ensino oficial, em contacto com colegas oriundos dos mais variados sectores sociais. Não que sejamos contra o ensino particular, que desejaríamos apoiado e colocado ao dispor de toda a juventude, independentemente da sua origem ou das suas disponibilidades materiais. Simplesmente, neste País, desde que nos conhecemos, ainda não vimos respeitada de maneira integral a liberdade de ensino, permitindo a cada família a escolha, em igualdade de circunstâncias, das escolas que mais satisfaçam os seus anseios e visão de vida. Afirmar que a escola deve ser neutra é iludir a realidade, pois, na prática, está sempre subjacente, nos programas e no modo de actuar dos agentes do ensino, uma determinada concepção da existência e uma certa imagem do Homem.

Só nos regimes autoritários é que o Estado se arroga o direito de chamar a si o controlo de todo o ensino, para estereotipar os cidadãos ou pro-

duzir «robots». Nas sociedades livres nada disso se pode verificar, cabendo às famílias a grande responsabilidade de decidir sobre a escolha de estabelecimentos de ensino adequados para os seus filhos. É que, como se diz na «Lumen» de Janeiro último, «o Estado não é uma instituição docente; não é professor, nem filósofo, nem é pai de família; o Estado «ex iure» não tem pela essência missão ou vocação docente». Ao Estado cabe apenas assegurar as condições materiais e legais indispensáveis para que todos os cidadãos tenham livre acesso à cultura, com um mínimo de qualidade e de seriedade, sem substituição ou absorção da Família.

● Chega-nos a notícia de que neste ano escolar não haverá provas da 4.ª classe do Ensino Primário nem dos dois primeiros anos da Teleescola. Sabendo nós da desordem e do desinteresse havidos em muitos locais, aliás em todos os ramos de ensino, o que vislumbraremos, a curto prazo, para este País, não é nada alentador. A não ser, já que tanto

se fala de «competências», que se tenha em vista a competência da incompetência! A qualidade do ensino é uma exigência intrínseca do aspecto educativo e só ela é capaz de gerar pessoas capazes. A sua deterioração aguda e progressiva conduzirá ao chamado «analfabetismo funcional», para utilizar expressão da Unesco,

● Dar acesso a todos os homens às fontes do saber e do conhecimento, é uma exigência de mera justiça. As oportunidades devem ser iguais para todos segregando-se os mais capazes, pelas suas qualidades de inteligência e de trabalho. As discriminações, sejam quais forem os seus fundamentos, deverão ser banidas em absoluto.

Fala-se muito numa sociedade igualitária e mais justa. Infelizmente, isso, na maior parte dos casos, não passa de uma mentira. Veja-se, por exemplo, o que se passa com o ensino propedéutico. Para o frequentar, para lá da matrícula e do pagamento das propinas respectivas, se não se tiver isenção delas, há que ter um televisor, pelo menos. Como certas matérias são dadas a correr e não é possível pôr questões ou dúvidas, para lá do recurso aos textos de apoio (pagos), quem não tiver um gravador para fixar as lições, fica em condições desvantajosas em relação aos alunos que dispõem de dinheiro ou de pais abastados. Isto para não falar daqueles que não podem recorrer a colégios ou explicadores, que exigem, por vezes, cerca de um a dois contos por disciplina e por mês. Onde estão a igualdade e a justiça?

● O Luisinho tem 6 anos e é uma criança encantadora. Veio para nossa Casa ainda não fizera dois anos, com dois irmãozitos mais velhos, o Cali e o Jaime. Tirámo-los duma nojenta barraca, lá para os lados de Linda-a-Pastora. O pai morrera e a mãe, de 23 anos, tinha então mais quatro crianças. Esta, que não era casada, desapareceu e somos, no momento, tutores dos pequenos, criados graças aos esforços, canseiras e horas de vigília das senhoras, artífices discretas

mas indispensáveis na vida dum Casa como a nossa.

Vamos, porém, ao bilhete-postal que hoje queríamos aqui deixar. O Luisito vem apresentando sintomas de curvatura da coluna já há muito. Para fazer uma radiografia esperou meses a fio que viessem, de Inglaterra, as chapas apropriadas. Agora, diz o médico, a criança tem de fazer ginástica apropriada às circunstâncias e tratar, como o tem feito, a bronquite que já trazia à chegada, causadora do primeiro mal. Como vamos satisfazer a primeira necessidade é que não sabemos, mas vamos tentar. Fica-nos, porém, o amargo de boca de saber de muitos Luisitos a curvar as respectivas

colunas e a adquirir outras míserias físicas nas enxovias que se multiplicam por esse País fora, mormente na zona da grande Lisboa.

● Este número de O GAIA-TO sai na semana anterior à Festa. Os Rapazes continuam com os seus ensaios. Confiamos nos responsáveis, embora não declinemos as nossas responsabilidades. Esperamos, lá mais para a frente, assistir a um dos ensaios. A procura de bilhetes começa a animar-se. Até ao dia 28.

(Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures)

Padre Luiz

Reflectindo

Duas empresas, a CINCA e a MONDEX vieram até Paço de Sousa passar um dia de convívio. A primeira no dia 22 de Abril e a segunda em 30 do mesmo mês.

Vieram até nós, com certeza, chamados pelo que este lugar significa como sinal de respeito pelos direitos humanos.

Chamou-me a atenção a preocupação de unidade entre patrões, pessoal dirigente e trabalhadores em geral. Sensibilizou-me o à-vontade, a amizade, a camaradagem reinante entre todos. Tocou-me a força da fraternidade entre aqueles que têm as suas vidas entrelaçadas pelo trabalho comum. Gostei, mas, por contradição, vieram-me à mente lembranças das palavras e atitudes de luta, de ódio, que tantas empresas têm destruído. Como o homem se tem prejudicado por não se deixar penetrar pela revolução do amor que há tantos anos, tantos séculos, Cristo veio testemunhar ao homem!

Se estamos distraídos podemos ser levados a pensar que a democracia, a fraternidade, o reconhecimento dos direitos de todos os homens são palavras novas, frutos de ideias surgidas e originais na mente de revolucionários do nosso tempo. A verdade é que nenhum deles expressou nem viveu tão profundamente a necessidade de cuidar uns dos outros como Aquê que é efectivamente o Caminho, a Verdade e a Vida.

O homem, por não querer aceitar a Luz que lhe foi oferecida, teima em viver às cegas; e, por isso, tem a sua história semeada de guerras, de revoluções, de sofrimento. As-

sim foi no tempo em que havia senhores e escravos; assim é neste tempo em que uns se querem sobrepor aos outros indiscriminadamente, multiplicando as lutas, arrasando os nervos, tornando numa epidemia o desequilíbrio emocional motivado pela insatisfação, pela frustração, pela confusão.

Está a terra à disposição do homem para que ele tire dela o necessário para levar uma vida digna e construtiva, o que exige um trabalho ordenado, eficiente em que todos colaborem usando os dons que lhe foram dados por Deus para o bem-comum e não para uso egoísta e injusto. Porque assim não tem sido há que pagar um preço elevado em sofrimento porque a injustiça não dorme nem deixa de mostrar as suas consequências.

Os problemas inerentes ao direito ao trabalho, à justa remuneração e ao empenhamento necessários para que cada um ganhe o suficiente para viver decentemente, são problemas que têm afligido as sociedades de todos os tempos; e assim continuará a ser desde que cada um não reconheça positiva e profundamente o direito dos Outros e o faça motivado pelo amor que deveria ser a grande mola da vida.

Acredito que o sofrimento do homem ao longo dos tempos tenha os seus efeitos purificadores; e que aqui e ali vão surgindo exemplos de boa e justa convivência que sejam o sal que irá salgando a humanidade, aproximando-a cada vez mais da imagem segundo a qual foi criada.

Padre Abel

FESTAS

No momento em que escrevo tenho ainda na lembrança a alegria vivida há poucos dias no Coliseu do Porto, durante a nossa Festa ali realizada. Que bom sentirmos a amizade viva de tantos Amigos que mais uma vez marcaram a sua presença!

No palco estiveram os nossos rapazes de Miranda do Corvo que têm encontrado o mesmo calor amigo em todas as terras por onde têm passado, e assim continuará a suceder, por aquelas outras que esperam a sua vez segundo o calendário que segue estas palavras.

As Festas representam um esforço grande da parte das Casas que as fazem. Como os

nossos leitores sabem são os rapazes que têm o encargo de quase todo o trabalho necessário ao andamento da vida. Esse trabalho é dividido, tendo cada um a sua ocupação. Quando começa a «tournée» altera-se o esquema. Os que ficam em Casa têm de suprir as faltas. Estes problemas são o preço... O fruto é a certeza do encontro com aqueles que, embora «sendo família de fora», têm um lugar muito firme na construção das nossas Casas.

Bem hajam, pois, todos os que através dos tempos e das ideias não deixaram de estar ao nosso lado.

Padre Abel

ZONA CENTRO

- 21 » » — Teatro Alves Coelho ARGANIL
- 27 » » — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE
- 2 de Junho — Teatro de ANADIA
- 9 » » — Cine-Teatro IMPÉRIO LOUSÃ

ZONA SUL

- 28 de Maio — Monumental — LISBOA às 11 h. da manhã
- Bilhetes à venda:
Montepio Geral, Rua do Carmo, 62-2.º, Telef. 323001; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, Telef. 361406; Maison Louvre, Rossio, 106, Telef. 328619; Ourivesaria 13, Rua da Palma, Telef. 861939; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8-r/c D., Telef. 666333.

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª pág.

desprezada, mas «coerente» dos publicanos e das prostitutas, será «livre-trânsito» para a entrada no Reino... Que simplicidade! Aceitemos, ao menos, tal profundidade... Porque a fraqueza e a maldade misturam-se como o trigo e o joio. E só depois de separar, é que vale queimar. É por isso que atirar «pedras» de ânimo leve, só serve para destruir...

Se aceitamos as nossas limitações, já todos temos bem com que nos entreter...

Padre Moura



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa